



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

RAUÊNIA KELLY MATIAS DE ARAUJO

DINÂMICAS DO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE: resistência e permanência do comércio calçadista na feira central.

**CAMPINA GRANDE
2016**

RAUÊNIA KELLY MATIAS DE ARAUJO

DINÂMICAS DO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE: resistência e permanência do comércio calçadista na feira central.

Trabalho de conclusão de Curso (artigo científico) o apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (Campus I) como requisito para a obtenção do grau de Licenciada.

Orientador: Prof. Ms. Hélio de Oliveira Nascimento

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A663d Araujo, Rauênia Kelly Matias de
Dinâmicas do espaço urbano campinense [manuscrito] :
resistência e permanência do comércio calçadista na feira central /
Rauênia Kelly Matias de Araujo. - 2016.
19 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Hélio de Oliveira Nascimento,
Departamento de Geografia".

1. Comércio Informal 2. Feira Central - Campina Grande 3.
Espaço Urbano 4. Economia Local I. Título.

21. ed. CDD 381.18

RAUÊNIA KELLY MATIAS DE ARAUJO

**DINÂMICA E RUGOSIDADES DO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE:
resistência e permanência do comércio calçadista na feira central**

Trabalho de conclusão de Curso (artigo científico) apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba (Campus I) como requisito para a obtenção do grau de Licenciada.

Aprovado em 30/06/2016



Prof. Ms Hélio de Oliveira Nascimento / UEPB-Campus I

Orientador



Prof. Ms Josué Barreto da Silva Júnior / UFCG-Campus I

Examinador Externo



Prof. Dr. Agnaldo Barbosa dos Santos / UEPB-Campus I

Examinador Interno

RESUMO

ARAÚJO, Rauênia Kelly Matias de. **DINÂMICAS DO ESPAÇO URBANO CAMPINENSE: resistência e permanência do comércio calçadista na feira central**. Artigo (Graduação - Curso de Geografia, CEDUC - UEPB) Campina Grande PB, 2016.

O referido trabalho tem por objetivo realizar uma análise sobre o processo de resistência e permanência do setor calçadista localizado no interior da feira central, principal mercado popular da cidade de Campina Grande – PB. O trabalho se divide em três momentos, onde se inicia uma análise sobre sua inserção no período técnico científico – informacional, seguindo com uma explanação sobre as diversas rugosidades que fazem parte de seu passado e presente. Após essa introdução se discute a relação dialética existente entre os elementos do passado e do presente contribuindo com a rugosidade sociocultural da feira central e por fim analisa o processo de resistência e permanência da feira de calçados frente modernidade, enfrentando a concorrência com os estabelecimentos localizados na área central do comércio campinense. Na metodologia utilizou – se pesquisa bibliográfica, observação “in loco” da área em estudo, acervo fotográfico e foram coletados relatos de vendedores, comerciantes e também da clientela para avaliar a força representada pelo setor dentro da competição comercial. Onde os resultados apontam a importância do setor calçadista no interior da feira central e também enquanto uma importante atividade socioeconômica reprodutora de empregos diretos e indiretos para a economia local, além de sua capacidade em resistir com o passar do tempo as duras e difíceis condições estruturais em enfrentar a forte concorrência das grandes lojas da área central do comércio campinense.

Palavras – Chave: Feira central; Resistência; Setor calçadista.

INTRODUÇÃO

A referida pesquisa tem por objetivo analisar as dinâmicas existentes no interior do mercado central da cidade de Campina Grande conhecida como Feira Central e o processo de resistência e permanência do setor de calçados frente à forte concorrência com os agentes econômicos da área comercial central dessa cidade. A Feira Central é um dos mais importantes símbolos culturais do interior do Nordeste brasileiro, marcada pela sua diversidade de atividades e também pelas recentes transformações verificadas após a sua inserção no processo de globalização, tornando ainda mais rica e diversa a sua composição material com a chegada de novos atores e objetos que ora são embrionários, ora substituem os antigos.

Dentro desse processo se insere o setor calçadista que apesar das péssimas condições existentes no interior da Feira Central consegue atrair sua clientela para consumir os produtos que por terem um preço mais acessível as classes mais baixas economicamente. Concorrem com as marcas mais requisitadas que por vezes são encontradas nas lojas do centro comercial local. A pesquisa se justifica pela necessidade em refletir sobre a importância dos espaços comerciais públicos que contribuem decisivamente para a geração de emprego e renda, mesmo com a ausência de políticas públicas que deveriam melhorar a estrutura interna da feira os trabalhadores que estão diariamente no setor calçadista enfrentam algumas dificuldades para se manterem sólidos em seus estabelecimentos.

Dentro da estrutura do trabalho, a metodologia se baseia na execução de um levantamento bibliográfico, com leitura em dissertações artigos e monografias relacionadas ao tema trabalhado, acervo fotográfico e análise “in loco” da área em pesquisa, aplicação de entrevistas com comerciantes, funcionários e a clientela. A estrutura da pesquisa se divide em três tópicos sendo o primeiro abordando a inserção da Feira Central de Campina Grande no meio técnico - científico-informacional, referenciando o período de mudanças no espaço campinense. No segundo tópico enfatiza – se a convivência dialética entre os objetos que formam a estrutura social da feira, marcada pelas rugosidades que delimitam o espaço local. No terceiro tópico aborda – se o processo de resistência da feira de calçados em permanecer em sua estrutura atual e enfrentando a forte concorrência das lojas de estrutura mais sofisticada. Por fim compreende – se que a feira de calçados tem um papel importante em seu processo de reprodução espacial gerando emprego e renda e se mantendo enquanto um espaço atrativo de uma grande clientela oriunda de várias cidades da região polarizada por Campina Grande – PB.

1. FEIRA CENTRAL E SUA INSERÇÃO NO MEIO TÉCNICO - CIENTIFICO INFORMACIONAL: UM PRENÚNCIO DE MUDANÇAS NO PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO

Localizada na área central do comércio de Campina Grande, a Feira Central (Figura 1) é um desses lugares onde o meio técnico - científico- informacional¹ penetrou e modernizou culturalmente os lugares, marcando atualmente a totalidade do espaço.

¹ Pelo fato de ser técnico-científico-informacional, o meio geográfico tende a ser universal. Mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando de globalização (Santos, 2006, p.160)

Figura 1: Localização da Feira Central de Campina Grande e sua área e abrangência



Fonte: GOOGLE MAPS, maio de 2015.

A feira de calçados é uma “válvula de escape” para os pequenos e médios produtores calçadistas. Observa - se no mapa a localização do setor calçadista dentro do mercado central, conhecida como a feira de calçados, podendo ter acesso a área pela Rua Vila Nova da Rainha e também pela Rua Dr. Antônio Sá.

A feira de calçados é espaço garantido para clientes vindos de várias cidades da região polarizada por Campina Grande. Sua importância é medida pela reprodução de significativa mão – de – obra que trabalha na área, gerando emprego e renda para o mercado central bem como para a cidade.

Vieira “2004 apud Coutinho, Neves, Silva, 2006, p.3” descreve que “a feira é um importante mecanismo de suprimento de gêneros alimentícios e existe desde o período da colonização. Anteriormente, as barracas se localizavam nos portos, locais onde se vendiam pescados e outros produtos”. Ainda, de acordo com os autores citados,

O comércio era informal, até que em 1771, o Marquês do Lavradio, 3º Vice Rei do Brasil, criou a primeira lei que visou regularizar a atividade e autorizou o funcionamento dos mercados de alimentos nas ruas. A partir de então, este comércio adquiriu as atuais características de feira livre. Em 1904, através do decreto nº 997, as feiras foram reconhecidas formalmente pela administração pública, autorizando o seu funcionamento aos sábados, Domingos e feriados. Segundo o artigo 1º do Decreto nº235 de 15 de janeiro de 1992, a feira livre é considerada atividade realizada em local previamente designado, em instalações provisórias ou definitivas, de caráter cíclico, para comercialização de produtos hortifrutigranjeiros, cereais, produtos de artesanato, pescado, aves, flores, plantas, doces, laticínios, carne de sol, lanches e confeções. (Coutinho; Neves e Silva, 2006, p.3)

A feira² é uma questão socioeconômica relevante e atende a diferentes grupos sociais. Segundo Ribeiro *et al* (2005), os produtores rurais garantem a comercialização da produção, que de outra forma seria difícil nessa economia de pouca liquidez.

A feira tem suas peculiaridades, visto que, “os consumidores ganham porque têm garantia do abastecimento regular, de qualidade e, principalmente, adaptado aos seus hábitos alimentares. Por fim, também ganham os comerciantes locais, uma vez que após venderem seus produtos, os feirantes adquirem bens de consumo”.

A importância de uma feira se mede quando “os feirantes gastam tudo ou parte do que recebem no comércio da cidade, favorecendo a permanência do dinheiro na esfera municipal” (Coutinho, Neves, Silva, 2006,). Observaram que a maioria dos feirantes comercializa produtos oriundos do seu próprio trabalho, criando uma interação direta entre produtor e comprador, uma relação valorizada pelos consumidores.

Nascimento (1999 *apud* Coutinho, Neves, Silva, 2006,) argumenta que tal fato demonstra “a importância da feira em contribuir para consolidar a relação campo/cidade, uma vez que coloca a produção rural para ser consumida no meio urbano”.

Antes de estar no local de funcionamento atual a feira esteve fragmentada pelas ruas de Campina Grande antes da grande reforma urbana que ocorreu no período que compreende os anos de 1930, fase essa onde o prefeito W. Wanderley introduziu novos aspectos estéticos na morfologia da área central, com o intuito de tornar a cidade limpa e higienizada, algo muito cobrado pela sociedade burguesa na época. Para Sousa (2005) isso teve consequências na formação da feira central, tendo em vista que,

A percepção, nas primeiras décadas do século, do crescimento e incremento das atividades comerciais associadas diretamente a uma imagem de cidade plástica e higiênica, sem riscos de epidemias, esteve na origem de muitos episódios que desembocaram em mudanças nos espaços e territórios de Campina Grande nas décadas de 1930 e 1940. Um deles foi o deslocamento da feira, que se esparramava pelas ruas Maciel Pinheiro, Monsenhor Sales, Venâncio Neiva, Cardoso Vieira e pelas praças Epiácio Pessoa e Lauritzen, para o mercado novo. (SOUSA, 2009, p. 290)

Para a sociedade da época, a forma como espaço campinense estava sendo organizado deixava a desejar em face da falta de uma correta infraestrutura ficando evidente o nível de desorganização do espaço urbano campinense para atender a demanda existente nesse período. Em virtude da influência perante a classe política, a sociedade burguesa da época contribuiu para que houvesse tal alteração na morfologia da área central da cidade. Tudo isso representou os anseios da sociedade da época em reordenar a configuração espacial de Campina Grande, onde a feira central fez parte desse processo.

A Feira Central de Campina Grande é considerada uma das mais populares e importantes do Nordeste em razão de seus significados, fatos históricos emanados pelas heranças do passado e também pelos diversos meios de reprodução que existem em seu interior, como por exemplo, diversidade de produtos, acessibilidade de preços e tantos outros. É uma de suas características é o forte regionalismo presente em grande parte de seus estabelecimentos comerciais, formais e informais, além de ser um espaço majoritariamente ligado ao setor da economia popular, mais

² Costa (2003, p.155) explica a composição da Feira por vários setores bem definidos, os quais são conhecidos popularmente pelo tipo de produto que vendem e recebem a designação de feira. Assim existe a feira de cereais, a feira de carne, a feira de verduras, a feira de frutas, a feira de calçados, a feira de roupa, a feira de louça, a feira de panelas, a feira de flores, a feira de galinhas, a feira de queijo e de bolo e doces, a feira de ferragem, a feira de fumo, a feira de redes, a feira de peixe, a feira de raízes (ou mangalho) etc.

conhecido como o circuito inferior³. De fato, a Feira Central é um evento de grande magnitude econômica e social, pois para (Costa, (2003, p.17);

Realiza-se semanalmente desde os primórdios da ocupação do interior paraibano e cuja história confunde-se com a da própria cidade, passando por momentos de expansão e crises, chegando aos dias atuais sem a importância que teve no passado, embora ainda se apresentando com relativa força, preservando o antigo, ao mesmo tempo, em que acolhe as novidades do presente.

Um fator de grande relevância no processo de inserção da Feira Central no processo de modernização tecnológica emanada da globalização está relacionado ao aprofundamento da estrutura urbana de Campina Grande, período em que a cidade começa a vivenciar um importante momento de sua afirmação como polo de desenvolvimento econômico do interior do Nordeste. A abertura ou prolongamento de grandes artérias urbanas, como é o caso da Avenida Canal e Floriano Peixoto, importantes eixos de ligação da periferia ao centro da cidade, permitindo assim uma maior fluidez do deslocamento dos consumidores em direção a Feira. Isso reflete o processo no qual cidade começa a sofrer em sua estrutura. Um aspecto importante e que merece atenção se dá pelo fato que a Feira Central de Campina começa a passar por mudanças significativas em seu espaço, principalmente em um período de globalização, conhecido como meio técnico - científico – informacional, que se origina a partir dos anos 70, responsável pela internacionalização do sistema capitalismo. Sobre esse período,

Sua afirmação, incluindo os países de terceiro mundo, vai realmente dar-se nos anos 70. É a fase do período técnico-científico, que se distingue dos anteriores pelo fato da profunda interação da ciência e da técnica, a tal ponto que certos autores preferem falar de tecnociência para realçar a inseparabilidade atual dos dois conceitos e das duas práticas (Santos, 2006, p.159).

Concordando com o autor, os mercados hoje globais, tornam-se assim graças a união entre ciência e técnica onde,

Essa união entre técnica e ciência vai dar-se sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência e a técnica, torna-se um mercado global. A idéia de ciência, a idéia de tecnologia e a idéia de mercado global devem ser encaradas conjuntamente e desse modo podem oferecer uma nova interpretação à questão ecológica, já que as mudanças que ocorrem na natureza também se subordinam a essa lógica (SANTOS, 2006, p.159).

Dentre essas mudanças visíveis e percebidas no tempo e no espaço pode – se citar o mercado de DVD's pirateados (Figura 1) onde o comércio tradicional de fitas cassete não resistiu a lógica pregada pela modernização tecnológica.

³ De acordo com Santos (1979) apud (Coutinho, Neves, Silva, 2006, p. 4), a feira insere-se no circuito inferior da economia, por ser evidenciada a restrição de sua área de atuação e abrangência, sendo uma atividade constituída de baixo nível de lucratividade e que, conseqüentemente, tenderá a geração de uma concentração de pobreza em estado dinâmico cíclico.

Figura 1: Comercialização de Dvd's pirateados na Feira Central em Campina Grande-PB-2016



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de Campo, 2015.

Esse novo olhar sobre a Feira Central é confirmado por Costa (2003, p.17) onde o autor, afirmando que as rugosidades da Feira são constituídas pelo “novo e o velho que convivem, dando oportunidades aos mais diversos agentes sociais de se reproduzirem, seja nos aspectos econômicos, sociais e culturais”. Toda a força que emana da feira vem acompanhada de um grande processo de relações, conforme nos afirma Domingues (2011, p. 12) que, para a autora, as feiras,

As feiras são fenômenos econômicos aonde além das relações comerciais predominam vários fatores culturais, tais como a comunhão do viver urbano e o viver rural, a utilização desses ambientes como palco para apresentações artísticas, lugar de encontro, lazer e entretenimento que proporciona uma rica troca de conhecimentos e sabedoria popular.

A força representada pela Feira Central foi capaz de se adaptar as crises por que passou a cidade de Campina Grande, mostrando sua pujança diante do desenvolvimento das forças que movem a organização espacial em cada período da história.

2. RUGOSIDADES DA FEIRA CENTRAL: PASSADO E PRESENTE CONVIVENDO DIALETICAMENTE

Cercada por rugosidades a Feira é representada por objetos ora presentes ainda no fazer cotidiano ora simbolicamente guardados na memória dos atores sociais, onde essa complexidade é fundamental para a composição do espaço. Costa (2003) discorre acerca da convivência dos elementos presentes na Feira Central, pelo fato de que todos os atores constituintes nesse ambiente convivem de forma que o novo chega para dividir espaço com os objetos do passado, já que, como exemplo presente no cotidiano da Feira “ainda hoje o transporte em carroças de burro continua presente com as modernidades do meio atual” (Costa 2003, p.103). Fatos como o elencado é comum

ocorrer nas feiras, onde para o autor supracitado “cada feira nordestina é um universo único, mesmo apresentando semelhanças entre si”. Para (Santos, (1985, P.5) “O espaço deve ser considerado uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida”. Além das suas rugosidades possui um caráter transversal, com uma variedade de objetos que a cercam em suas formas construídas e desconstruídas (figura 2).E dessa maneira as rugosidades vão se expressando.

Figura 2: Armazém de mangalho, localizado na Rua Antônio Sá, em Campina Grande-PB-2016.



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de Campo, 2015.

Cada lugar, cada subespaço, assiste como testemunha e como ator, ao desenrolar simultâneo de várias divisões do trabalho. Comentemos duas situações. Lembremo-nos, em primeiro lugar, de que a cada novo momento histórico muda divisão do trabalho. É uma lei geral. Em cada lugar, cada subespaço, novas divisões do trabalho chegam e se implantam, mas sem exclusão da presença dos restos de divisões do trabalho anteriores. Isso, aliás, distingue cada lugar dos demais, essa combinação específica de temporalidades, diversas. Em outra situação, consideremos, apenas, para fins analíticos, que, dentro do todo, em uma dada situação, cada agente promove sua própria divisão do trabalho. Num dado lugar, o trabalho é a somatória e a síntese desses trabalhos individuais a serem identificados de modo singular em cada momento histórico (SANTOS, 2006, p.88-89)

Toda essa diversidade está presente quando se observa o funcionamento de outros tipos de comércio existentes nas pequenas passagens dentro da feira, no caso da convivência entre os vendedores de roupas e de produtos eletrônicos, suportando as mudanças recentes na configuração e exploração do espaço.

Figura 3 A,B:Coexistência de tipo comercial na feira central de Campina Grande-PB.

Figura 3 A: Comércio de roupas



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015.

Figura 3 B: Ponto de venda de eletrônicos.



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015.

Não apenas as vias cercadas por eletrônicos ou vestuário que estão em constante convivência, fruto dessa onda de modernização espacial por que passa a feira, mas outros setores que ao mesmo tempo em que se moderniza se mantém em sua forma mais tradicional. Como afirma Costa (2003, p.160)

A feira é este importante ponto de contato, não só entre o moderno e o tradicional, mas entre o urbano e o rural, seja no que há de mais rugoso ou das tecnologias emergentes. É esta capacidade de equilíbrio entre situações aparentemente antagônicas que possibilita a feira, mesmo sem o apogeu de outrora, chegar ao meio atual com a força que ainda dispõe.

Costa (2003, p.161) conclui que a feira, por ser um espaço que desafia o estabelecimento e as racionalidades das normas externas (muito embora as verticalidades se façam presentes), permite aos agentes locais serem ativos na invenção diária dos meios de sobrevivência.

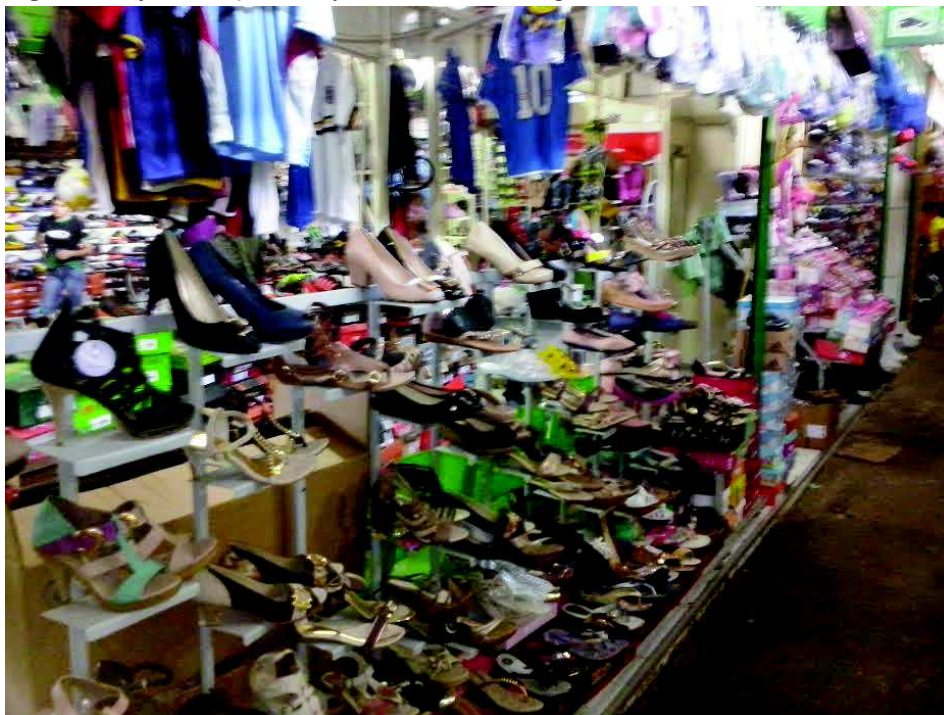
Mesmo com o processo de modernização de sua lógica interna a feira central de Campina Grande resiste e persiste enfrentando e convivendo com as profundas mudanças recentemente chegadas durante os últimos tempos, construindo uma nova relação envolvendo os objetos do passado e do presente em sua dinâmica diversa e complexa.

3. RESISTÊNCIA E PERMANÊNCIA DO SETOR CALÇADISTA NA FEIRA CENTRAL NA MODERNIDADE

Por ser um mosaico que reúne diversos tipos de comércios dentro de seu interior a feira central também possui elementos que além de contribuir com a sua organização econômica e cultural estão associados ao processo de resistência aos aspectos vindos da modernidade que chegam e se apropriam do espaço interno da feira.

Nesse contexto se insere o ramo calçadista (Feira de calçados) (figura 4) que há anos faz parte o cotidiano do mercado central, concorrendo com os mais diversos empreendimentos do setor localizados no centro comercial de Campina Grande, onde são comercializadas as marcas que representam a lógica da globalização, sendo mais solicitadas pelos consumidores.

Figura 4: Loja de calçados na feira central de Campina Grande-PB-2016.



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015.

A feira de calçados está localizada no centro do mercado central, formada por vários empreendimentos ligados ao setor calçadista, onde são comercializados produtos os mais variados, como tênis, sapatos, sandálias, a maioria de fabricação local, que atrai a clientela de cidades que estão localizadas no entorno de Campina Grande. Uma de suas características é a resistência na comercialização dos calçados em pleno período marcado pela globalização, que ao homogeneizar os padrões de consumo e facilitar o acesso a produtos antes restritos à elite dominante, os produtos de escala local poderiam ser rejeitados por não terem em seu material a marca de grandes empresas do setor de calçados.

Entretanto, atualmente é possível observar certa mudança em relação à estrutura dos empreendimentos, onde a sua modernização estrutural segue também necessidade em oferecer ao cliente, cada vez mais exigente ao comprar seu produto (figuras 5 A e B.)

Figura 5 A: Loja de calçados com novo formato estético na feira central de Campina Grande-PB-2016.



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015

Figura 5 B: Loja de calçados com novo formato estético na feira central em Campina Grande-PB-2016.



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015.

Em Costa (2003 p. 162) se destaca o relato de uma vendedora da feira de calçados em relação à mudança de perfil da clientela, onde diz.

Antigamente a gente vendia mais aos matutos. Mas você pensa que o matuto quer mais comprar na feira? Quer não! Hoje os matutos são tudo de cartão de crédito. Compra em quatro, cinco vezes, mas vai comprar nas lojas do centro e até no shopping. Prefere ficar devendo, em vez de comprar a vista, mas só querem roupa de loja.

Essa forma de atrair a clientela, tanto à tradicional que está sempre frequentando a feira central, como também os consumidores que frequentam esporadicamente a área é uma estratégia em enfrentar a concorrência das principais lojas de calçados do comércio campinense, inclusive entre os mesmos (figura 6).

Figura 6: Corredor de lojas na feira de calçados



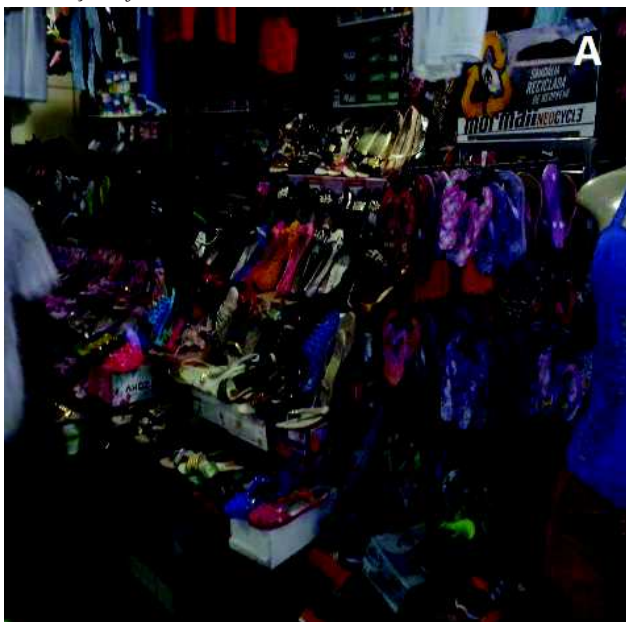
Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015

A figura acima elenca o processo de domínio do espaço pelas lojas de calçados, onde a concorrência entre ambos favorece uma situação, á que Costa (2003, p.169) chama de monopólio por comandar o espaço junto à feira de vestuário pela proximidade que ambas apresentam, homogeneizando o tipo de uso no espaço ocupado e delimitado. E a falta do poder público, muitas vezes torna difícil um melhoramento na estrutura das lojas, não só na de calçados, como também em outros segmentos, da mesma feira central.

Essa modernização, conforme Costa (2003, p.162) mesmo “tendo surgido em um meio anterior ao atual, a feira não é lugar da globalização, embora global por ser subsistema da totalidade mundo, apto a receber as modernizações do presente, mas também capaz de se adaptar em função das necessidades e culturas locais”.

Quem chegar à feira de calçados poderá observar as mudanças existentes, principalmente em relação á substituição dos bancos de madeira pelas prateleiras para colocar e organizar os calçados, o que demonstra o caráter da modernização por qual passa a feira de calçados na atualidade, demonstrando também uma exigência para se firmar em um período de extrema concorrência, exemplo disso, o espaço da feira de calçados que ainda não é ocupada pelo comercio de coreanos e chineses, que vem ganhando força cada vez mais, dentro de setores na cidade de Campina Grande, mas que na feira de calçados não tem ainda essa disputa pela clientela. (figura 7,A e B).

Figura 7A: Concorrentes na feira de calçados e suas instalações físicas.



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015

Figura 7 B: Concorrentes na feira de calçados e suas instalações físicas.



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015.

Com todos os processos que permeiam o cotidiano da feira de calçados, ela ainda se destaca não apenas pela sua capacidade em se adaptar ao novo, mas também por oferecer possibilidades de reprodução física e social a quem nela trabalha, sendo uma das áreas da feira central que mais emprega a classe trabalhadora na área.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Relato dos frequentadores da feira de calçados

4.2 . O Comerciante

Ao ser indagado sobre como avalia a estrutura da feira de calçados o comerciante, que atua a mais de 40 anos no ramo alega que em termos de apoio para melhorar as instalações do seu comércio tudo depende do apoio do poder público, que tem a prerrogativa institucional de agir no sentido de implantar políticas públicas que visem trazer mais organização e qualidade de vida para quem da feira depende a sua existência e estrutura para trabalhar dignamente. Para ele, após ser indagado a respeito das condições estruturais da feira para exercer seu trabalho classifica como “É péssima, a feira não ajuda, não tem reforma, não tem administração, não tem organização não tem nada. Sem organização,

sem segurança nada nos temos aqui, 45 anos que eu estou aqui assim”. É notória a percepção por parte do comerciante que trabalha na feira de calçados em mais de quatro décadas e muito pouco se concretizou em relação a políticas públicas para revitalizar a área, que há muito tempo necessita de ações mais concretas para evitar a sua degradação material. Essa realidade é comentada por Coutinho; Neves e Silva (2006, p.5) ao afirmar que, “a inadequação das feiras livres às práticas comerciais contemporâneas não se restringe às questões relacionadas à saúde. O conforto, a segurança e o direito do consumidor também são negligenciados”. De fato, ao comparar os investimentos que áreas como a Rua Maciel Pinheiro e todo o entorno do centro de Campina Grande, (Figura 8, A e B) recebem, as instalações da feira central há muitos anos necessitam de reformas para melhorarem a sua estrutura interna, o que mostra o total descaso do poder público com os espaços tradicionais.

Figura 8 A: Feira de calçados, em Campina Grande-PB-2016.



Fonte: Kelly, Rauênia, pesquisa de campo, 2015.

Figura 8 B: Rua Maciel Pinheiro, em Campina Grande-PB-2016.



Fonte: Kelly, Rauênia pesquisa de campo, 2015.

Ao comparar as realidades, bem distintas, verifica-se que o comerciante da feira de calçados empreende um discurso firme no que diz respeito às condições de competir com as lojas mais estruturadas da área central do comércio campinense, visto que atributos como organização, segurança são fundamentais para enfrentar os desafios da concorrência comercial na modernidade.

4.3 Os Vendedores

Ao serem perguntados acerca de sua percepção sobre a clientela que frequenta a área para comprar os produtos, os vendedores de calçados são categóricos em afirmar o perfil de seus clientes que transitam na feira. Para uma vendedora que trabalha no setor, ela afirma que os clientes ainda compram no sistema de caderneta (fiado), “mas são poucos, e usam cartão de crédito e a vista”.

Ainda sobre a negociação em relação ao preço da mercadoria ela confirma que clientela “são pessoas simples, humildes que fazem questão por descontos” por que são "amarrados". “E os clientes são bons e pedem descontos, acham que só porque estão na feira tem que levar o produto quase de graça”. Os vendedores afirmaram que no geral a forma de pagamento é a vista e no cartão. Apenas um estabelecimento ainda usa o “caderno de fiado” para clientes mais antigos, o que caracteriza essa relação de confiança e compromisso entre o fornecedor do produto e o seu cliente fiel, e para os demais prevalece à forma tradicional de pagamento.

4.4 A Clientela

Outro ator importante nesse processo de construção espacial na feira de calçados é o cliente, vindo geralmente da zona rural do município de Campina Grande e região eles sempre estão na feira participando da vida social desse espaço cheio de rugosidades culturais. Perguntado sobre a razão de sua preferência por comprar produtos na feira de calçados um cliente afirma que compra seus calçados na feira “por que o preço é bom”. E sobre a preferência em comprar nesse local a resposta é ainda mais enfática, em razão de que, comprar na feira para ele “é mais barato que nas lojas do centro, e também já comprei no centro”. A presença da clientela na feira de calçados mostra que mesmo com a forte concorrência ela prefere comprar seus produtos nessa área em virtude evidentemente tanto pelas vantagens como ainda o caderno de fidelidade (fiado) como também pelas novas modalidades de compra dos produtos (cartão).

CONSIDERAÇÕES

A feira central enquanto um espaço e territorialidade em constante movimento apesar das ações hegemônicas que capitalizam a sua inserção no meio técnico – científico – informacional continua sendo um espaço onde a vida ganha olhares diferenciados, que pela sua multiplicidade de ações dos diversos atores que fazem parte de seu cotidiano, mas também pela sua capacidade em proporcionar possibilidades de melhores dias para todos que a frequentam.

Ao dissertar especialmente sobre a feira de calçados é importante revelar a sua permanência e resistência perante as profundas transformações ocorridas no espaço geográfico, em especial nas áreas onde os fluxos do capital são predeterminados e que mantêm uma forte hierarquia na relação de forças com os atores menores.

Essa força apresentada pela feira de calçados se revela pela sua participação na reprodução de empregos diretos e indiretos, pela preferência de seus clientes em comprar seus produtos ainda que as novas relações existentes por causa do uso do cartão de crédito que facilita a vida do cliente eles ainda tem a intenção de continuar a consumir os produtos oferecidos pela feira de calçados.

A própria história da Feira Central enquanto um patrimônio imaterial da cidade de Campina Grande é um peso a mais para se valorizar os objetos e atores que cotidianamente estão vendendo a sua força de trabalho e demais atores que participam de sua dinâmica interna diária.

Mesmo sofrendo os danos pela falta de apoio e revitalização de sua estrutura física por parte do poder público, que poderia criar um plano de ação para dar uma melhoria nas condições de trabalho dos comerciantes, como um melhor saneamento, segurança e mais espaço pra poder ter uma melhor locomoção dentro da feira. Mesmo com alguns problemas a serem resolvidos, o mercado de calçados continua superando as suas limitações e a sua reprodução espacial, sendo ainda umas das áreas da feira central com grande potencial econômico.

ABSTRACT

ARAUJO, Rauênia Kelly Matias de. DIN URBAN SPACE MICAS Campinense: strength and permanence of the footwear trade fair in the center. Article (Graduation - Geography course, CEDUC - UEPB) Campina Grande PB, 2016.

This work aims to carry out an analysis of the process of strength and permanence of the footwear industry located inside the central fair, main popular market town of Campina Grande - PB. The work is divided into three stages, which begins an analysis of its insertion in the scientific technical period - informational, following with an explanation of the various ridges that are part of your past and present. After this introduction to discuss the dialectical relationship between the elements of the past and present contributing to the socio-cultural roughness central fair and finally analyzes the process of strength and permanence of the shoe fair front modernity, facing competition with the establishments located in central area of Campina Grande trade. The methodology used - a bibliographic research, observation "in loco" of the study area, photographic collection and were collected reports of sellers, traders and also the customer to assess the strength represented by the industry in the commercial competition. Where the results indicate the importance of the footwear industry within the central fair and also as an important breeding socioeconomic activity of direct and indirect jobs for the local economy, as well as its ability to withstand over time the hard and difficult structural conditions face strong competition from large stores of the central area of Campina Grande trade.

Key - Words: Central Fair; Resistance; footwear industry.

REFERÊNCIAS

COUTINHO, Edilma Pinto; NEVES, Halanna Cavalcante da Nóbrega; SILVA, Eurides Marcílio Ginu da. Feiras Livres do brejo paraibano: crise e perspectivas; XLIV Congresso da Sober “ Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”. Fortaleza, 23 a 27 de Julho de 2006, Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural.

COSTA, Antônio Albuquerque da. Sucessões e coexistências do Espaço Campinense na sua inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo. UFPE, Recife – PE, 2003, dissertação de mestrado.

DOMINGUES, Suzane Maria Barbosa. A Feira Livre De Umbuzeiro – PB; Espaço das relações econômicas e culturais da população; Monografia; Universidade Estadual da Paraíba, 2011.

NASCIMENTO, H. O. As interações comerciais da Empasa – Campina Grande: produção de espaço, redes e consolidação dos territórios. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju 1999.

RIBEIRO, E. M. et al. Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro. *Agriculturas*, v. 2, n. 2, jun. 2005.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção 4. ed.; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. Espaço e Método. São Paulo; Nobel, 1985.

SILVA, Ricardo Antônio Santos da. Espaços-tempos, rugosidades e territorialidades na cidade capitalista: Um estudo a partir da realidade do conjunto habitacional Jardim Caiçaras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de “TERRITÓRIOS PROMÍSCUOS”: a feira de Campina Grande (1920-1945) **Revista Vivência**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. 2005, p. 289 – 304.

SANTOS(O espaço dividido;os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.Rio de Janeiro:F.Alves, 1979).